



Carvalho da Silva faz 'tabu' sobre PCP

Ao fim de quase 40 anos de militância, o ex-líder da CGTP deixou o PCP. Sem dizer quando nem porquê, alimenta todas as dúvidas

No final de maio, o Expresso questionou oficialmente o PCP sobre rumores que circulavam sobre a saída do militante Manuel Carvalho da Silva. A resposta surgiu lacónica: "O pedido de esclarecimento sobre essa matéria deve ser dirigido ao próprio". O ex-líder da CGTP recusou explicar-se sobre este "não assunto". Mas, três meses depois, o jornal "i" deu a notícia, que ninguém desmentiu. Na verdade, porém, também nenhum dos envolvidos explicou.

"Não respondo a essa questão", disse Manuel Carvalho da Silva ao Expresso. O "não-assunto" manteve-se inalterado e o sindicalista só acrescentou — em comentário na SIC Notícias — um motivo para se manter calado sobre o ponto final em quase 40 anos de militância partidária: "Não há nada de novo na minha relação com o PCP", disse.

O mesmo laconismo surgiu da parte do PCP que, tal como em maio, continuou a devolver a bola para o lado de Carvalho da Silva sem mais comentários. "Qualquer pedido de esclarecimento deve ser dirigido à pessoa envolvida", disse Jerónimo de Sousa.

A "pessoa" teve uma militância de quase 40 anos no PCP, 25 dos quais à frente da maior central sindical. Há anos que as relações entre Carvalho da Silva e a hierarquia do partido se degrada-

ram, mas o manto de silêncio sobre o assunto foi uma constante. Antes, como agora, os sinais para o exterior são ténues. Na última candidatura de Carvalho da Silva à liderança da CGTP, o "Avante!" lamentava em editorial o "desvirtuamento" e a "desagregação" que vingava no interior da central. O apoio direto a António Costa nas autárquicas de 2009 foi outro dos momentos públicos de confronto com o partido, que escolhera Ruben Carvalho para a candidatura à capital e viu o militante trocá-lo pelo candidato socialista. Mal digerido pelo PCP foi a clara — mas sempre discreta — aproximação de Carvalho da Silva ao PS e à UGT. A pública amizade com João Prôença e a proximidade com Mário Soares, que chegou a avançar com o nome de Carvalho da Silva como potencial candidato às presidenciais, não ajudaram a melhorar o ambiente.

Em abril de 2011, nas vésperas de deixar a Inter, o líder histórico assumia ao Expresso que a relação com o partido era "residual. Não pertença a órgão nenhum. Formalmente, pertença a uma célula". Na altura, pagava as quotas e a hipótese de entregar o cartão de militante estava fora de cogitação. "Essa questão pura e simplesmente não se coloca", afirmou.

Sem adiantar o como e o porquê mudou de atitude face ao PCP, Carvalho da Silva abre o seu próprio tabu. As hipóteses de correr em pista própria na carreira política fica em aberto. Até ver.

ROSA PEDROSO LIMA

rlima@expresso.imprensa.pt